

MAS, EM QUE CONTEXTO?

Maria de los Angeles de Castro Ballesteros¹
PG - Universidade de São Paulo
(delo.ballesteros@usp.br)

Resumo: Como professora de Espanhol, esta é uma pergunta que faço, com frequência, a meus alunos, quando estes trazem palavras “soltas”, em espanhol, buscando seu significado, em português. Em resposta, o aluno apresenta um exemplo de utilização daquela palavra em uma oração. Ou seja, ele emprega a noção de “contexto” como “situação de uso”, o que não constitui um equívoco, mas uma simplificação de algo mais complexo. Este trabalho objetiva contribuir com uma revisão sobre o conceito de contexto, apresentando um paralelo entre três estudiosos que se debruçaram sobre este tema: Parret (1985), que discute contexto a partir de conceitos de interação, em situação de diálogo; Ibañez (1990), que examina o conceito a partir da construção de significados por meio de textos, orais ou escritos; van Dijk (2007, 2012), que aborda o tema sob uma perspectiva sociocognitiva. Em comum, os três autores apontam para a dinamicidade da elaboração do contexto, que se reelabora no curso da interação. Considerando que o contexto é uma construção subjetiva, para a qual aspectos sociais influenciam na seleção e redirecionamento do que os participantes elegem como relevante ou irrelevante, entendemos ser fundamental considerar estes aspectos no ensino de E-LE, como forma de maximizar a qualidade da comunicação.

Palavras-chave: Contexto; Ensino de espanhol como língua estrangeira; Discurso.

Abstract: As a Spanish teacher, this is a question that I frequently ask my students when they bring “free” words in Spanish, searching for its meaning in Portuguese. As an answer, the student offers an example of use of that word in a sentence. That is, he adopts the notion of “context” as an “use situation”, which does not constitute a misunderstanding, but a simplification of something more complex. The objective of this work is to contribute with one revision about the concept of context, showing a parallel between three studios who addresses this theme: Parret (1985), who discusses context based in concepts of interaction in dialogue situation; Ibañez (1990), who examines the concept starting from the construction of meanings by means of texts, orals or written; van Dijk (2007, 2012), who approaches the theme under a sociocognitive perspective. In common, the three authors points to dynamism of the construction of the context, which reworks in the course of interaction. Considering that the context is a subjective construction, for which the social aspects influences in the selection and redirection of what the participants elects as relevant or irrelevant, we understand to be fundamental to consider this aspects in the teaching of Spanish as a foreign language, as a manner to maximize the quality of communication.

Keywords: Context; Teaching Spanish as a foreign language; Discourse.

Resumen: Como profesora de Español esta es una pregunta que les hago a mis alumnos, cuando me traen palabras “seltas” en español, buscando un significado en portugués. En respuesta el alumno presenta un ejemplo de uso de aquella palabra en una frase. O sea, él emplea la noción de “contexto” como “situación de uso” lo que no constituye un equívoco, sino una simplificación de algo más complejo. Este trabajo contribuye con una revisión sobre el concepto de contexto presentando

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Técnica em Assuntos Educacionais da Pró-Reitoria de Extensão da UNIFAL-MG.

un paralelo entre tres estudiosos que se dedicaron a este tema: Parret (1985), discute contexto desde conceptos de interacción, en situación de diálogo; Ibañez (1990), examina el concepto desde la construcción de significados por medio de textos, orales o escritos; van Dijk (2007, 2012), aborda el tema bajo una perspectiva sociocognitiva. En común los tres autores apuntan para la dinámica de la elaboración del contexto que se reelabora en el curso de la interacción. Considerando que el contexto es una construcción subjetiva, para la cual aspectos sociales influyen en la selección de lo que a los participantes les parece relevante o irrelevante, entendemos ser fundamental considerar estos aspectos en la enseñanza de E-LE como forma de maximizar la calidad de la comunicación.

Palabras clave: Contexto; Enseñanza de Español como lengua extranjera; Discurso.

Introdução

Como professora de Espanhol como Língua Estrangeira (E-LE), essa é uma pergunta que faço com frequência a alunos que trazem palavras “soltas”, em espanhol, buscando seu significado, em português. Em resposta, o aluno apresenta um exemplo de utilização daquela palavra em uma oração. Ou seja, o que geralmente ocorre é que o aluno emprega a noção de “contexto” como “situação de uso” para exemplificar sua dúvida, o que não constitui um equívoco, mas uma simplificação de algo mais complexo. Este trabalho tem como objetivo contribuir com uma revisão sobre o conceito de contexto, apresentando um paralelo entre estudos e pressupostos teóricos de alguns estudiosos que se debruçaram sobre esse tema.

A apresentação dos teóricos e de suas respectivas perspectivas sobre contexto está organizada em uma linha do tempo. O primeiro teórico é Herman Parret (1985) que discute contexto a partir de conceitos de interação, em situação de diálogo. O segundo, se trata de Roberto Ibañez (1990) que examina o conceito a partir da construção de significados por meio de textos, orais ou escritos. O terceiro, sem nenhuma pretensão de esgotar este vasto tema, é Teun A. van Dijk (2007, 2012) que aborda o tema apoiado em uma orientação sociocognitiva.

A Teoria da Compreensão de Parret

Parret (1985) destaca a interação como elemento fundamental do processo dialógico e um forte conceito para a proposição de sua Teoria da

Compreensão. Questiona a representação clássica do fluxo da informação, que considera haver uma simetria entre produção e compreensão e defende que “uma teoria da compreensão deve ser assimetricamente central em relação a qualquer teoria de produção, sendo, portanto, o núcleo de uma teoria da interação discursiva e do diálogo” (p. 160).

O autor entende a compreensão como sendo “um conjunto de estratégias práticas que nos possibilitam inferir² a significância, limitada pelo contexto, de fragmentos linguísticos determinados pela interação” (p.161), dependente de um “esquema de aceitação” entre o falante e o ouvinte. Neste esquema, o ouvinte “aceita” o enunciado do falante, desde que ambos compartilhem do mesmo conhecimento linguístico. O significado deste enunciado tem um co-texto ou “texto que circunda” (p.163), que tem como função desfazer ambiguidades, porém de maneira limitada, visto ter uma estrutura macro-gramatical. Neste caso, a contextualização será mais eficiente para a desambiguação por meio do processo de inferência da significação das sequências dialógicas. Mas é a co-textualização gramatical que oferecerá subsídios para essa inferência.

O autor afirma que “os membros de uma comunidade compreendem as sequências em uma situação dialógica somente se eles interpretam os contextos nos quais esses fragmentos de diálogo são produzidos.” (p.161). Esta afirmativa reforça a importância dada ao contexto e sua influência sobre a compreensão. Mas, ao mesmo tempo, elimina outras possibilidades ou a importância de outros elementos para a compreensão, dando a entender que Parret acredita que a compreensão se concretiza com alguma facilidade e efetividade, já que a contextualização dará conta da ambiguidade, como se o falante tivesse controle sobre os diversos fatores que interferem na compreensão. Ou seja, a compreensão está condicionada a uma colaboração mútua e à possibilidade de interpretação, pelos sujeitos envolvidos, dos contextos em que os diálogos são produzidos.

² Pode-se considerar nesta terminologia a influência do modelo proposto por Paul Grice e David Lewis, ao qual Sperber & Wilson (1994, p. 13) denominam *modelo inferencial*.

Trata-se de compartilhar de um conhecimento pragmático, ou seja, “A interpretação e reciprocidade de perspectivas dos membros de uma comunidade fazem com que seja possível uma significação ser praticamente inferida quando há compreensão” (p.167). Assim, há de se considerar esta condição como fator complicador para a compreensão, quando se tratar de falantes do PB, no papel de aprendizes de E-LE ou de informantes desta pesquisa, submetidos a enunciados produzidos em contexto linguístico e cultural distinto do seu.

Em situação de diálogo, a relação entre compreensão e contexto seria bi-direcional, visto que a compreensão “cria” seu contexto e este influencia na compreensão. O diálogo, “como um caso paradigmático de interação verbal e intersubjetividade semiótica” (p.162), determina o contexto. Este, por sua vez, restringe a significação dialógica.

Daí a importância do co-texto, como fonte para chegar-se à significação do contexto. Porém, exatamente por sua estrutura macro-gramatical, essa significação pode ser comprometida quando o interlocutor não compartilha de determinado conhecimento linguístico. No caso desta pesquisa, o sentido do verbo [*jugar a*], presente em um dos enunciados que utilizamos nos testes-piloto, não foi considerado pelos informantes o que interferiu na contextualização.

A Teoria do Contexto Verbal de Ibañez

Ibañez (1990) propõe uma Teoria do Contexto Verbal, partindo do princípio de que o texto, oral ou escrito, é o resultado de uma composição de signos linguísticos organizados de forma a expressar uma intenção do seu autor. Destacando uma distinção entre função comunicativa (ilocução) e função expressiva, Ibañez (1990) deixa clara sua intenção de contemplar qualquer forma interacional, com ou sem função comunicativa, como é o caso do texto literário.

A proposta desta teoria parte da hipótese de que um texto não traz um significado em si. É sua estrutura que tem a função de “evocar” um significado³ que será elaborado pelo receptor, em determinado contexto, a partir de informações prévias que este possui. A fonte dessas informações é ao que Ibañez denomina “contexto do evento verbal”.

O contexto será, portanto, um “provedor de informações”, no sentido de criar expectativas relativas aos significados que irão se construindo durante a produção do texto, originadas de experiências individuais e/ou coletivas dos participantes⁴, independentemente do tipo textual (que interpretamos como narrativo, descritivo, argumentativo, por exemplo)⁵.

Ibañez (1990) chama a atenção para a falta de consenso conceitual para a noção de *contexto*, apesar de sua reconhecida importância para a interpretação do texto. Em sua opinião, o contextualismo inglês, ao tratar indistintamente contexto e contexto situacional, não abrange de forma suficiente a questão, pois, no entender

³Quando Ibañez diz que a estrutura “evoca” um significado (mantivemos o termo porque é o que ele utiliza), entendemos que, na verdade, ele poderia estar falando de sentido. Em nossa forma de interpretar, a relação entre os elementos da estrutura + o contexto é que evocaria um sentido. Dependendo da época e das opções teóricas que se faz as leituras são diferentes. Nossa interpretação passa pela relação que estabelecemos com a Análise do Discurso e, também, pela diferenciação que, a partir do Pensamento Complexo, fazemos entre significado (restrito, isolado, uma parte) e sentido (que é formado a partir dos subsistemas da estrutura, o todo). O próprio Ibañez parece nos incentivar nessa direção ao esclarecer: “y en lo que sigue con el término 'significado' me refiero al significado real de un texto, es decir con el que fue concebido por su autor o con el que es recibido por su lector u oyente en circunstancias reales de actualización. Este concepto de significado coincide con el de la SEMÁNTICA DE LA COMUNICACIÓN o de ACTOS DE HABLA” (IBAÑEZ, 1990. p.3).

⁴No texto analisado, Ibañez utiliza diferentes termos (receptor-emissor/actante/interactante/participante) predominando o termo “actante”. Porém, o autor não apresenta, formalmente, uma definição ou justificativa (filiação teórica) para essa variação. Encontramos em Galisson & Coste (1983, p.20-21), no Dicionário Didático das Línguas, uma relação com o teatro, onde o “actante” refere-se ao “actor”. Observamos que o termo “actante” (usado 8 vezes), aparece sempre que Ibañez se refere ao participante de um ato comunicativo, com um caráter individual. Por sua vez, o termo “interactante” (usado 3 vezes) aparece nos trechos em que o autor descreve ou discorre sobre a relação interacional que se estabelece entre os participantes em um processo discursivo, verbal ou não, por ocasião das trocas que se realizam em um determinado contexto.

⁵Ibañez não deixa claro o que é, para ele, “tipo textual”. Nossa interpretação se dá considerando a seguinte referência: “El contexto produce expectativas en cuanto a los tipos de textos que pueden ocurrir en él y, si se trata de un texto ya en desarrollo, expectativas en cuanto a los significados que se van construyendo” (IBAÑEZ, 1990, p. 5-6).

de Ibañez este é um componente daquele. Tampouco o modelo de Halliday (1974) lhe parece abrangente o suficiente, mesmo contemplando a interação entre fatores textuais e contextuais, pois restringe-se ao co-texto e à situação comunicativa. Na opinião de Ibañez, é a Psicologia Social da Linguagem que apresenta uma definição “mais convincente”, por entender *contexto* como o conjunto de elementos, linguísticos (co-texto)⁶, não linguísticos e situacionais, que interferem cognitivamente na construção de significados.

Os elementos situacionais são percebidos de forma consciente ou inconsciente pelos participantes desde que estes os considerem relevantes para o êxito da interação. Esse aspecto de relevância coincide com Sperber & Wilson (1994) que identificam que “para ser relevante em um contexto, uma suposição tem que estabelecer, de alguma maneira, uma conexão com esse contexto”⁷.

Por essa razão, o autor afirma que o *contexto situacional* é uma criação individual, “uma construção mental com elementos da realidade circundante à interação”⁸ (IBAÑEZ, 1990, p.10). Considerando que o que é relevante para um participante pode não ser relevante para o outro, acontecerá uma “negociação de contexto”, imprimindo um caráter dinâmico ao contexto. As considerações relativas a esse dinamismo do contexto situacional, bem como à sua origem em um processo cognitivo, parecem ter sua fonte em estudos anteriores de van Dijk⁹, dos quais falaremos na próxima seção.

Segundo o autor, o sucesso ou o fracasso do processo comunicativo dependerá, portanto, do conhecimento do meio ambiente e do meio social que os participantes compartilham, denominado *contexto cultural*. Malinowski (*apud*

⁶Maingueneau (2008, p.26) denomina co-texto como *contexto linguístico*. “São sequências verbais que mobilizam a memória do intérprete (pelos antecedentes) que relacionam uma unidade com outra no mesmo texto”. O que poderíamos interpretar como estrutura, como pensado por Durand (2002, p. 10 *apud* BRUNO, s/d). O antropólogo afirma que “[...] toda a ‘estrutura’ implica por definição uma relação entre elementos que são os seus subsistemas, e isto até o infinito [...]”.

⁷ “para ser relevante en un contexto un supuesto tiene que guardar de alguna manera alguna conexión con ese contexto.” (Sperber & Wilson (1994, p.156).

⁸ “una construcción mental con elementos de la realidad circundante en la interacción.” (IBAÑEZ, 1990, p.10)

⁹ Citado por Ibañez (1990, p.11), van Dijk (1984, p. 274) define *contexto* como uma sequência de acontecimentos que variam no tempo.

IBAÑEZ, 1990, p. 11) propõe para o contexto cultural uma composição por dois subsistemas: um convencional e um individual. O convencional se constitui de regras tacitamente determinadas para a conduta social dos indivíduos de uma determinada comunidade. O individual consiste na forma particular como cada membro dessa comunidade percebe os eventos, em função de suas vivências.

Assim, as experiências prévias dos participantes, seu conhecimento de mundo e as convenções sociais da comunidade à qual pertencem provocam uma reconstrução ou adaptação do contexto, levando a novas interpretações daquele texto, em processo circular. Esta forma de perceber a relação entre texto e contexto se assemelha à relação entre compreensão e contexto proposta por Parret (1985), à qual este chamou bi-direcional. Em comum, ambos entendem haver um movimento dinâmico de (re)elaboração do contexto em um processo de recursividade ou retroalimentação, como forma de promover a compreensão.

Este mesmo tipo de movimento se observa no “eixo produção-compreensão”. Segundo Bruno (2004), dentro do processo de aquisição de uma língua estrangeira, o aprendiz testa hipóteses com base em seus conhecimentos prévios em confronto com os novos conteúdos¹⁰.

A Teoria do Contexto de van Dijk

Os textos que trazemos para esta análise tem sua publicação em 2007 e 2012, porém, encontram-se referências nas quais Teun A. van Dijk apresenta discussões e proposições iniciais de uma teoria do contexto anteriores a 1990.

Van Dijk (2007) considera que “a noção de *contexto* apresenta um papel controverso no estudo do discurso, da conversação e da interação em geral” (p. 282)¹¹. Ele identifica contextos sendo descritos como a *situação social* diferenciados

¹⁰ Bruno (2004, p.107) toma de Schacter (1994, p. 38) a seguinte afirmação: “O aprendiz infere o domínio dentro do universo do qual a solução para o corrente problema de língua será exigida, partindo de seu conhecimento prévio. Então, o aprendiz prova as hipóteses daquele domínio.”

¹¹ “the concept of ‘context’ plays a controversial role in the study of discourse, conversation and interaction in general.” (van DIJK, 2007, p.282).

entre local - em uma situação imediata de produção, como a interação face a face, ou global - em uma situação mais abrangente, envolvendo também grupos ou comunidades, em um maior intervalo de tempo ou espaço de localização. Considerando que interações locais e globais ocorrem ao mesmo tempo, o autor considera que essa distinção não deve ser vista como dois tipos de contexto, mas como descrições ou construções diferentes de um mesmo evento ou situação.

O autor afirma que o pressuposto fundamental da teoria que ele propõe é que os fatores e situações sociais que têm sido considerados ou nomeados contexto, descritos em estudos anteriores, “não podem, eventualmente, ter uma relação direta sobre a fala ou sobre o texto como um todo e, portanto, não devem ser chamados ‘contexto’, em primeiro lugar” (VAN DIJK, 2007, p. 288)¹². Pois, ao assumir que é a situação social (local ou global) que influencia diretamente a fala ou o texto, teríamos o mesmo discurso sempre que houvesse a mesma situação social. Mas o que ocorre é exatamente o contrário: é a interpretação dos participantes, sobre uma determinada situação social que influencia na sua produção ou compreensão de um texto. Uma vez que em uma mesma situação comunicativa os participantes podem interpretar os aspectos daquela situação social de maneiras diferentes, em conformidade com seu objetivo pessoal, pode-se considerar que contextos são, por definição, subjetivos.

Por conseguinte, sendo um conceito subjetivo, o que é socialmente relevante para um participante em um determinado momento pode não ser para o outro participante ou altera-se para o mesmo participante em outro momento. E com isso, van Dijk (2012) aponta outro aspecto fundamental desta teoria: a relatividade do contexto com relação à *relevância*.

Considerando a subjetividade do processo de entendimento/interpretação, o autor adota a noção de *modelo mental* como a mais satisfatória para suas análises, enfatizando que participantes de uma situação comunicativa constroem dinamicamente um modelo mental da conversa em curso, de acordo com a

¹² “cannot possibly have a direct influence on talk or text at all and therefore should not be called ‘context’ in the first place.” (van DIJK, 2007, p.288).

relevância daquela situação social. Dessa forma, entender o que está sendo dito em uma conversação demanda a construção de dois tipos de modelos: um modelo mental *semântico* sobre o que é a conversa (referência, co-referência, coerência no texto e fala) e um modelo mental *pragmático* quanto a aspectos relevantes do evento comunicativo.

Desenvolvendo um pouco mais sua fundamentação, van Dijk (2012), destaca que o contexto não é uma representação mental estática, mas um modelo dinamicamente alterado, controlado ao longo da conversa em curso a cada momento. Nesse sentido, esta teoria é de contexto e, ao mesmo tempo, uma teoria de relevância, porque considera-se para a análise o que é situacionalmente relevante para cada participante, entendido relevância nos termos de Sperber & Wilson¹³.

O autor desenvolve, a partir desses fundamentos, o conceito de *modelo de contexto*. Modelos de contexto estão relacionados de maneira geral a representações sociais compartilhadas com outros membros do mesmo grupo social ou comunidade. Assim, “modelos mentais de contextos são subjetivos, mas não arbitrários” (p.293), pois, a experiência dos participantes, nas milhares de situações de comunicação, lhes permite generalizar e normalizar tais situações. A partir dessas experiências, os usuários da língua constroem modelos mentais generalizados para compartilhar representações sociais de tais situações.

Crucial, neste caso, é a representação mútua que os participantes têm uns do conhecimento dos outros, uma condição fundamental para qualquer interação. O autor postula, portanto, que nos modelos de contexto há um dispositivo de conhecimento – o dispositivo-K, por meio do qual a cada momento da interação os participantes avaliam o que já sabem. “Em cada ponto na conversa, um orador precisa ‘calcular’ o que o destinatário já sabe, e aproveitar este meta-conhecimento

¹³ van Dijk (2007) usa a versão de Sperber & Wilson em inglês: *Relevance: Communication and Cognition*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995.

na produção do próximo fragmento de discurso.” (p. 296)¹⁴. Essa afirmação reforça a característica essencial desta teoria: o fator cognitivo.

Concluindo, van Dijk (2007) acredita que o dinamismo na reelaboração de estratégias e interpretações dos participantes só pode ser explicado por representações mentais, utilizadas para a criação de modelos de contexto que são a interface entre as estruturas sociais e a fala. O autor reconhece que a Análise da Conversação utiliza estas noções, mas não as explicita. “Uma abordagem irracional da conversação é uma ilusão ou uma redução, nada menos do que uma teoria da mente sem uma dimensão interacional ou social.” (p. 300)¹⁵. Daí ser necessário desenvolver uma teoria integrada, “à luz de uma abordagem sociocognitiva mais sofisticada, que combina análise interacional, discursiva e cognitiva” (p.312)¹⁶.

Considerações finais

Independentemente da teoria em que os autores apresentados se baseiam, verificamos que há um entendimento comum a todos eles: uma lacuna ou um ponto de vista pouco explorado pelos estudiosos da Linguística, relativa à noção de *contexto*.

O quadro, a seguir, apresenta uma síntese da proposta teórica de cada um deles.

¹⁴ “At each point in talk a speaker needs to ‘calculate’ what the recipients already know, and take this meta-knowledge into account in the production of the next discourse fragment.” (van DIJK, 2007, p.296).

¹⁵ “A mindless approach to conversation is an illusion or a reduction, no less than a theory of mind without an interacional or social dimension.” (van DIJK, 2007, p.300).

¹⁶ “in the light of a more sophisticated sociocognitive approach that combines interacional, discursive and cognitive analysis.” (van DIJK, 2007, p.312).

	Parret (1985): Teoria do Diálogo	Ibañez (1990): Teoria do contexto verbal	van Dijk(2007, 2012): Teoria do Contexto
Crítica / princípio	Questiona o modelo do código. Defende que não há simetria entre produção e compreensão.	Parte do princípio de que o texto, oral ou escrito, é o resultado de uma composição de signos linguísticos organizados de forma a expressar uma intenção do seu autor. A estrutura evoca um significado.	Afirma que não são os fatores e situações sociais, que têm sido considerados ou nomeados <i>contexto</i> , que influenciam a fala ou o texto como um todo. É a interpretação dos participantes, sobre uma determinada situação social que influencia na sua produção ou compreensão de um texto.
Definição de contexto	Conjunto de circunstâncias interacionais, de contextualizações elaboradas pelos participantes que compartilham seus conhecimentos adquiridos pela sua condição de estar-no-mundo, por meio de um código linguístico em comum.	Criação individual que provê informações, no sentido de criar expectativas relativas aos significados que irão se construindo durante a produção do texto, originadas de experiências individuais e/ou coletivas dos interactantes, independentemente do tipo textual.	Representação mental dinamicamente alterada, controlada ao longo da conversa em curso a cada momento, conforme o que é situacionalmente relevante para cada participante.
Base fundamental	A compreensão “cria” seu contexto e este, por sua vez, influencia na compreensão. Essa relação entre compreensão e contexto, em situação de diálogo, é bi-direcional; Defende a organização de uma tipologia não de contextos, mas de processos de contextualização.	As experiências prévias dos actantes, seu conhecimento de mundo e as convenções sociais da comunidade à qual pertencem provocam uma reconstrução ou adaptação do contexto, levando a novas interpretações daquele texto, em processo circular.	O dinamismo na reelaboração de estratégias e interpretações dos participantes só pode ser explicado por representações mentais, utilizadas para a criação de modelos de contexto que são a interface entre as estruturas sociais e a fala.
Os participantes	São denominados falante e ouvinte	Aparecem os termos: actantes / interactantes / emissor e receptor / participantes	Refere-se aos participantes também como receptores, em alguns trechos.

Grosso modo, podemos afirmar que os três autores compartilham um mesmo entendimento com relação ao contexto e sua importância para a interação. Individualmente, cada um dá uma ênfase maior a um determinado aspecto, não necessariamente se opondo ao outro autor.

Parret (1985), Ibañez (1990) e van Dijk (2007, 2012) analisam e percebem o contexto sob o ponto de vista de sua natureza complexa, implicada com o texto, em sua dimensão dialógica. Apontam, assim, para a inter-relação existente entre o processo cognitivo e o processo discursivo que constitui o contexto. Tais processos estão influenciados pelas representações dos participantes e, por essa razão estamos de acordo com Maingueneau (1997, p.28) quando afirma que “O *contexto* não é um dispositivo que um observador exterior possa apreender.”.

Parret (1985) considera a interação um elemento fundamental do processo dialógico criticando as teorias linguísticas que têm seu foco no ponto de vista do falante. Ele postula uma tipologia de contextualizações, sendo estas componentes do contexto e, de certa forma, atribui a este tal importância que parece desconsiderar outros fatores que interferem na compreensão, como se a contextualização pudesse dar conta da ambiguidade e como se o falante tivesse controle sobre o processo.

Ibañez (1990) elabora sua proposta teórica com base na criação subjetiva e individual do contexto. Este constituído por uma construção situacional, fruto da seleção de elementos da realidade, relevantes naquele dado instante, para aquele participante, e por um contexto cultural, composto pelas regras e convenções sociais da comunidade da qual aquele participante faz parte. Ibañez se aproxima de van Dijk ao entender que a elaboração do contexto é uma construção mental.

Van Dijk (2007, 2012) atribui à interpretação dos participantes sobre uma determinada situação social o fator primordial de influência na produção ou compreensão de um texto. Sendo a interpretação um processo subjetivo, o autor defende uma teoria baseada em modelos mentais de contexto. O contexto, por sua vez se reelabora no instante mesmo da produção, por meio de um dispositivo de conhecimento, chamado dispositivo-K. Este mecanismo mental permite ao

participante ir adaptando seu discurso num processo de retroalimentação de conhecimentos, selecionados conforme sua relevância para aquela situação. Neste sentido, a teoria proposta por van Dijk parece dialogar com a Teoria da Relevância de Sperber & Wilson (1994).

A afirmação inicial que apresentamos, quanto à noção de contexto ser confundida com situação de uso, encontra respaldo em Maingueneau (1997, p.92) quando ele afirma que “Muitos estudiosos empregam indiferentemente *contexto* e *situação*. Mas utiliza-se também *situação* como um termo mais abrangente que engloba *texto* e *contexto*”.

Esta noção pode ser ilustrada com um diálogo entre uma aluna minha e eu, fora da sala de aula:

- (aluna) _ O que significa “pudiente”?
(eu) _ Em que contexto?
(aluna) _ Li isto numa reportagem: “Bajarán los impuestos de los menos pudientes”. Procurei no dicionário e encontrei que “pudiente” significa “poderoso, rico, hacendado”¹⁷. Não entendi... O que é “menos rico”?

Primeiramente, observa-se que ao perguntar pelo contexto, abriram-se inúmeras possibilidades de localização para a aluna. Esta optou por relatar em que situação se deparou com o termo em questão, confirmando a observação feita por Maingueneau (1997).

O fato de a definição dicionarizada não ter sido suficiente para esclarecer a aluna encontra explicação na falta de alguns elementos fundamentais para a sua compreensão. Nos termos de Ibañez (1990), trata-se de conhecimentos que ajudam a construir o contexto cultural que a aluna não possui, por ser falante nativa da língua portuguesa e viver no Brasil. O conceito *menos pudiente* é utilizado no mundo hispano, comunidade linguística à qual a aluna não pertence. Além disso, o entendimento de riqueza é subjetivo. Os recursos financeiros e materiais que podem ser suficientes para alguns não necessariamente os serão para outros. Esta é uma

¹⁷ Dicionário de la Real Academia (online). Termo: *pudiente*. Disponível em: <http://www.asale.org/>.

noção que pode ser considerada relevante para uma interpretação válida do enunciado publicado no jornal¹⁸.

Nos termos de van Dijk (2012), a elaboração do contexto se dá como interface entre a estrutura social e a fala. Por não pertencer à estrutura social na qual se produziu o texto, a aluna careceu de uma explicação externa ou contexto extrínseco, nos termos de Parret (1985, p. 163), “a base de onde se pode inferir praticamente as significações”.

Em suma, podemos concluir que, para estes autores, o contexto é uma construção que se dá por meio de processos interacionais subjetivos, de construção mental, nos quais aspectos sociais influenciam na seleção e redirecionamento do que os participantes elegem como relevante ou irrelevante, seja para “aceitar” a proposta do falante, seja para construir seu “contexto situacional”.

Em comum, os três autores apontam para a dinamicidade da elaboração do contexto, que se reelabora no curso da interação e constitui a interface entre estrutura social, situação, interação e discurso (entendido este como efeito de sentido entre interlocutores). Sendo assim, acreditamos que, em situação de ensino-aprendizagem de E-LE, o contexto e seus elementos constituintes devem ser considerados, por terem forte influência na qualidade da comunicação.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de: Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 12.ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

BRUNO, F. T. C. **Ensino de espanhol: construção da impessoalidade em sala de aula**. São Carlos: Claraluz, 2004. (Coleção interinvenção).

¹⁸ A reportagem publicada no jornal argentino *La Nación* anunciava uma decisão do governo relativa a uma reforma fiscal e tributária, visando à uma isenção ou diminuição de impostos para aqueles em condições econômicas desfavoráveis. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/46622-bajaran-los-impuestos-de-los-menos-pudientes>.

_____. O livro didático e a reforma do pensamento. In: BARROS, C; COSTA, E.; FREITAS, L. (orgs.). **O livro didático de espanhol sob múltiplas perspectivas**. No prelo.

GALISSON, R. & COSTE, D. (concepção, coordenação e revisão) **Dicionário de didáctica das línguas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

IBAÑEZ, R. El contexto del evento verbal. **IX Congresso Internacional da ALFAL**, São Paulo: Unicamp, 1990.

MAINGUENEAU, D. **Os termos-chave da análise do discurso**. Trad. Maria Adelaide P. P. Coelho da Silva. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda., 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. 5ª ed., São Paulo: Cortez, 2008.

PARRET, H. Contexto como restrições da compreensão em uma situação de diálogo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. n. 9, p. 159-169, 1985.

SPERBER, D. & WILSON, D. **La relevancia: comunicación y procesos cognitivos**. Madrid: Visor Dis. S. A., 1994.

VAN DIJK, T. A. Coments on Context and Conversation. In: FAIRCLOUGH, N., CORTESE, G. & ARDIZZONE, P. (Eds), **Discourse and Contemporary Social Change**. Bern: Peter Lang, p. 281- 316, 2007.

_____. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: contexto, 2012.

Recebido em 26/06/2017

Aceito em 03/09/2017